

O ELEFANTE NA SALA:
UMA ANTOLOGIA DE TEXTOS PANDÊMICOS

DANIEL MIRANDA REGIS

MEMÓRIA DO TRABALHO EM PROJECTO DE MESTRADO EM EDIÇÃO DE
TEXTO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA.

ORIENTADOR: PROF. RUI BARREIRA ZINK

Março, 2022

DANIEL MIRANDA REGIS

O ELEFANTE NA SALA:
UMA ANTOLOGIA DE TEXTOS PANDÊMICOS

Memória do Trabalho em Projecto de Mestrado em Edição de Texto da
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Orientador: Prof. Rui Barreira Zink

Março, 2022

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas foram essenciais para a conclusão deste Trabalho em Projecto. Primeiro, gostaria de agradecer a todos os autores que acreditaram na proposta e aceitaram participar do livro. Cada escritor teve sua contribuição e suas palavras foram, em muitos momentos, emocionantes e inspiradoras.

Agradeço a meu primo e fotógrafo, João Regis, por também acreditar no projecto e aceitar ceder as suas incríveis e impactantes fotos. Eles engrandeceram o livro de uma forma inigualável.

Meu professor ao longo deste mestrado em mais de uma cadeira, Rui Barreira Zink, foi também meu orientador. Suas ideias e dicas ajudaram a tornar o livro a sua melhor forma, começando pelo próprio título.

Por último, mas não menos importante, eu agradeço a Jade Rocha, a melhor designer gráfica que conheço. Todo o seu esforço e dedicação para com este projecto foram de tamanha importância e, digo sem sombra de dúvidas, que sem você ele não seria possível.

RESUMO

Esta memória se propões a detalhar todo o processo de pesquisa, elaboração, edição e escrita do livro *O Elefante na Sala*, uma antologia de contos, crônicas, poesias e textos de modo geral sobre o tema que assola o mundo há anos: a pandemia. O livro é um trabalho colaborativo entre diversos autores brasileiros e portugueses com a proposta de mostrar e tentar compreender as diversas realidades geradas por este período de confinamento, incertezas e medos e ver o quão relacionadas elas são. Ao examinar todo o processo do livro, desde sua concepção até seu projeto gráfico finalizado, esta memória apresenta o esquema geral e os pormenores, as dificuldades e surpresas e a importância de se editar um livro com mais de 10 autores sobre um tema que afeta a vida de todos.

Palavras-chave: Pandemia; livro; edição; antologia; projecto colaborativo.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO PROJECTO	6
2. PROCESSO	8
a. CONCEPÇÃO DO PROJECTO	8
b. EDIÇÃO E REVISÃO	9
c. ESCRITA	20
d. PROJETO GRÁFICO	31
3. RESULTADO	37
4. CONCLUSÃO	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1. APRESENTAÇÃO DO PROJECTO

A literatura sempre esteve presente na vida deste estudante de mestrado que vos escreve. Desde miúdo os livros o rodeavam e suas histórias enchiam sua imaginação. Não à toa, ele acabou por se formar bacharel em Jornalismo, e depois buscou o Mestrado em Edição de Texto nas terras lusófonas.

Na faculdade de jornalismo, juntando todo esse seu histórico de fascínio por livros, ele resolveu escrever um ele mesmo. Felizmente teve sucesso, se formando e marcando para sempre que ele era um escritor. Então, dentro da FCSH e rodeado novamente pela literatura e pelo texto, acabou sendo mais que natural que, como seu trabalho final, ele faria também um livro, mas dessa vez diferente. Ele não iria simplesmente escrevê-lo, uma tarefa árdua, mas sim iria também editá-lo, uma tarefa tão difícil quanto.

Ao longo de todo o mestrado foi fascinante aprender e entender cada vez mais sobre literatura, livros e a edição em si. Como funciona a teoria e a prática, como existem as diferentes edições e o porquê de elas existirem. Tudo isso foi se tornando a centelha para o livro que veio a se chamar *O Elefante na Sala*.

A pandemia de COVID-19 é algo que mexe nas vidas de todo o mundo até hoje, mesmo depois de dois anos do discurso da OMS. Percebendo essa realidade que era refletida nas janelas das casas, foi decidido então que esse não só seria o tema do livro, mas sim que falar sobre isso era necessário. Depois de tanto tempo, a pandemia já se mesclava na realidade de maneiras diversas, transformando tudo no “novo normal”. A falta de contato, afeto, sorrisos e o crescimento de ansiedade, distanciamento e medo. Tudo isso precisava ser falado, não podia apenas ser tratado como normal. Era preciso falar do elefante na sala.

Assim, o objetivo principal deste trabalho em projecto era identificar as diferentes realidades que a pandemia criou. Investigar, através de diferentes estilos textuais, da ficção e não-ficção, como diferentes pessoas encaravam aquela realidade impostas a elas e se elas tinham coisas em comum. Para isso era preciso a maior quantidade de textos possíveis.

Desde o princípio a ideia do livro era ser plural e diverso, tanto em estilos textuais quanto em autores. Através de contos, crônicas, poemas e textos de cunho mais pessoal, a ideia era tanto mostrar diferentes realidades que a pandemia criou, tanto analisar se essas realidades eram realmente diferentes entre si. Ser um objeto que literariamente entretece o leitor e que também fosse socialmente interessante. Assim, sendo uma antologia de

diversos tipos de texto, desde longos com mais de sete páginas, até curtos com menos de uma página, todos com o mesmo tema: a pandemia. Não necessariamente a pandemia de COVID-19, mas qualquer tipo de pandemia. Uma pandemia mais ficcional com a de perda de memória até outras mais antigas e reais. Mostrar como um vírus pode mudar tudo. Desta forma, brasileiros e portugueses mostraram suas visões, seus receios, medos, alegrias e esperanças à cerca deste sufocante, mas importante, tema, tudo isso através de suas palavras.

Outro objetivo para o livro era aplicar diversos dos conhecimentos adquiridos nas aulas de mestrado em Edição de Texto. Escrita, edição, revisão, diagramação, design gráfico, entre outros aspectos, foram trabalhados neste projecto.

Apesar de diversas etapas, idealizações e bastante organização, na vida real nem sempre é possível seguir os passos antes definidos e demarcados. Foram feitos deadlines, várias notas no telemóvel e até uma página em um site para deixar tudo organizado, mas na realidade as coisas muitas vezes se atropelam. Tem muita correria, é preciso editar, revisar, escrever e pensar na parte gráfica, tudo ao mesmo tempo. Porém, para melhor entendimento de todo o processo deste Trabalho em Projecto, desde sua concepção até o resultado final com o livro pronto para ser impresso, melhor começar do começo.

2. PROCESSO

O objetivo desta memória é explicar de modo geral e em detalhes como foi feito todo o processo de confecção do projecto, desde a sua semente embrionária como uma ideia, até ela tomar forma e ser possível de ter um corpo físico impresso em folhas de papel. Para narrar melhor como decorreram os acontecimentos, desde como nasceu e se construiu o livro *O Elefante na Sala*, com seus pormenores, dificuldades, êxitos, ideias iniciais que se modificaram ao longo do caminho e etc, o detalhamento do processo de sua feitura será dividido em algumas partes, sendo estas: Concepção do Projecto; Edição e revisão; Escrita; e Projeto Gráfico.

A. CONCEPÇÃO DO PROJECTO

Dentre os 3 tipos de modalidade de trabalho final para o Mestrado em Edição de Texto da FCSH da Nova de Lisboa, foi escolhido justamente o Trabalho em Projecto. Para se entender melhor o porquê disso, tem de se voltar alguns anos no tempo e falar de assuntos mais pessoais.

Em 2019 este estudante que vos escreve se formou como Bacharel em Jornalismo na Escola de Comunicação, Design e Educação da Universidade Salvador – UNIFACS, na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. Um dos motivos para a escolha da faculdade de Jornalismo foi pelo fato de sempre ter tido a literatura presente no meu cotidiano. Apesar de ter mais consumido livros de ficção e o jornalismo ser uma profissão mais prática e mais voltada para a não-ficção, isso não impede de se ligar as duas coisas em uma só, afinal, diversos escritores renomados começaram suas carreiras sendo, justamente, jornalistas.

Como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do bacharelato, entre tantas opções, foi mais que natural escolher algo que misturasse jornalismo e literatura, então foi decidido escrever um livro-reportagem. O livro, intitulado *O Inferno que Veio do Céu: A História do Desastre Aéreo que Fez Chover Cinco Milhões e Meio de Reais em Maracangalha*, contava a história da queda do avião que continha R\$ 5,5 milhões e caiu no distrito de Maracangalha, na cidade de São Sebastião do Passé, na Bahia, em 2007. Desta forma, era possível desenvolver uma rica e interessante história real e apimentá-la

com os artificios da literatura. Essa experiência de escrever e publicar um livro foi de suma importância para a escolha deste Trabalho em Projecto.

O TCC de 2019 fez com que fosse necessário realizar funções como pesquisar, escrever, editar, revisar, diagramar... todas estas funções importantes e imprescindíveis para o este Trabalho em Projecto. Não só isto, mas por ter essa experiência de desenvolver um livro do início ao fim, foi o que serviu como inspiração para a escolha de se fazer um Trabalho em Projecto e não uma Monografia, por exemplo.

Desde meados de Março de 2021 já se tinha escolhido o objeto de trabalho, mas não tinha um tema. Foram alguns meses para decidir qual seria o tema ideal para se editar um livro, até que a resposta surgiu olhando para fora. Tinha um assunto que permeava todo mundo havia tempos, tanto tempo que, muitas vezes, até era esquecido pelas pessoas desta realidade imposta. Isso era a pandemia.

Com objeto e tema escolhidos, então era hora de pensar nos detalhes, como realmente iria funcionar este trabalho. Sendo um Mestrado em Edição de Texto, o mais correto era que sua maior função fosse determinar as habilidades de edição do mestrando, e não de escrita. Assim sendo, a ideia de ser uma antologia de textos escritos por diversos autores surgiu. E assim nasceu a concepção do livro *O Elefante na Sala*, apesar do mesmo não ter nome na época.

O título deste livro surgiu na primeira conversa com o orientador e professor Rui Barreira Zink. Quando foi lhe explicado a ideia do projecto, o tema e seu objetivo, o professor sugeriu o nome *O Elefante na Sala* como um título provisório. Seguiu-se então a elaboração de todo o projecto com este nome provisório em mente, porém, com o passar do tempo, este título foi se tornando mais interessante e intrínseco ao trabalho, sendo decidido então que ele também seria o título final do livro.

Com a ideia geral aceita, era o momento de ver os pormenores e procurar a questão mais importante do livro: os autores.

B. EDIÇÃO E REVISÃO

Diversos trabalhos, seja de mestrado ou não, tem uma ideia geral e inicial que é grande demais para ser realmente desenvolvida e finalizada. Este Trabalho em Projecto não é diferente.

Para a escolha dos autores, inicialmente era proposto que seria a maior quantidade possível de autores (amadores ou profissionais) de diversos países da língua portuguesa. Infelizmente, pela dificuldade de se arranjar contatos em países como Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o livro foi composto apenas por autores de Brasil e Portugal. Foram feitas tentativas, mas nenhuma que fosse concretizada.

Com o tema e a ideia geral do livro já postulada, o desafio da vez era encontrar uma forma de entrar em contato com diversos autores diferentes, e algumas soluções foram pensadas.

Uma das ideias para se encontrar os autores foi fazer uma publicação explicando o projeto e seu objetivo em vários grupos de Facebook de escritores amadores e leitores, tantos portugueses quanto brasileiros. Para surpresa do mestrando, essa ideia deu um retorno de um total de 0 pessoas interessadas. Alguns poucos “likes”, mas nenhuma pessoa foi atrás ou teve realmente interesse de participar do trabalho. A ideia que mais funcionou e que, no fim, foi o que fez com que tantos autores participassem do projeto, foi também a mais simples: falar com conhecidos.

A oralidade foi uma das mais importantes formas de disseminação de histórias ao longo de toda a humanidade, então esta ser a forma de se encontrar aqueles que gostariam de participar desta história foi bastante cabível. Através de familiares, amigos, conhecidos e conhecidos de conhecidos, foi se conquistando os escritores para o livro. Por fim, através da oralidade (ou das mensagens de texto), foi conseguido um total de 16 autores sem contar com o próprio mestrando e editor do livro.

Para tornar toda a comunicação mais rápida e direta possível, além de uma breve explicação de o que era o projeto, foi criada uma página no aplicativo e site Notion com todos os pormenores, tendo uma breve apresentação de o que era o projecto, seu objetivo, qual seria a participação do escritor e eventuais dúvidas que eles poderiam ter. A página tinha a seguinte descrição (<https://www.notion.so/danielregis/Projecto-Mestrado-Nova-de-Lisboa-f069eb236a4445b4858df3fd162d2e01>):

*Aqui você encontra tudo que precisa saber sobre o Projecto de Mestrado em Edição de Texto de Daniel Regis, o livro **O Elefante na Sala** (título provisório).*

A página seguia-se para uma rápida introdução e depois uma explicação mais detalhada do projecto e como funcionaria a participação dos autores nele:


Introdução

Olá, meu nome é Daniel Regis e, se você está aqui é porque foi convidado para fazer parte do meu projecto de conclusão de Mestrado em Edição de Texto da Universidade Nova de Lisboa, e gostaria muito que você participasse.

Abaixo segue toda a explicação do livro, como ele funcionará, o que eu gostaria de você e algumas perguntas que você pode ter sobre o projecto.

Caso tenha outras dúvidas, por favor, fique à vontade para me contactar.

 danielmregis@gmail.com

 *WhatsApp: +351 913 065 905.*

Sobre o projecto

*O projecto de mestrado consiste na edição de um livro com diversos textos escritos por diferentes autores de língua portuguesa. O livro de nome **O Elefante na Sala** (título provisório) é uma antologia de contos, crônicas, poesias e textos de modo geral, e um destes textos eu espero que seja o seu. O tema é este que assola o mundo há mais tempo do que gostaríamos de dizer: a pandemia.*

Assim, pretendo compreender as diversas realidades geradas por este período de confinamento, incertezas e medos. Com a visão de diferentes autores nativos da língua portuguesa, mas de diferentes realidades, o livro terá mais riqueza cultural e, com textos curtos como contos, crônicas e poesia, mais riqueza literária, sendo o mais plural e diverso possível dentro destes termos.

*O livro é um projecto sem fins lucrativos, **apenas acadêmicos**, então, à princípio, não serão impressas cópias para vendas. Este projecto, além de um exercício da profissão de editor para mim, tem um valor histórico e social, onde poderá mostrar diferentes*

perspectivas sobre este período, assim como servir de um estudo social para respondermos algumas perguntas sobre a pandemia.

Em resumo: irei editar um livro sobre a pandemia e gostaria que o seu texto fizesse parte desta antologia. E como funcionará isso, você se pergunta? Irei responder no tópico logo abaixo.

Como funcionará

A ideia do livro é conter a maior pluralidade de textos possíveis, sendo assim, você pode escrever um conto, uma crônica, um poema, um texto argumentativo, um artigo de opinião, uma pequena reportagem... o que você gostar mais de escrever, a única regra é que seja relacionado à pandemia. Pode ser ficção ou não-ficção. Pode ser sobre uma pandemia de vírus de computador; ou quem sabe de grilos; ou sobre justamente a pandemia de COVID-19 que estamos vivendo até hoje. O que importa é que o tema central do texto seja pandemia. Pode deixar a criatividade fluir.

Etapas

- 1. Escrever o texto;*
- 2. Enviar através de e-mail;*
- 3. Aguardar revisão e edição do conteúdo – Você receberá o texto revisado e editado em até 3 dias após o envio;*
- 4. Ajustes – caso necessário;*
- 5. Aprovação final.*

Especificidades

Com relação ao tamanho do texto e afins, para deixar tudo organizado e coeso, peço que seu texto tenha essas especificidades:

- Mínimo de 2 páginas e máximo de 15 páginas de Word ou Pages;*
- Fonte Arial 11;*
- Espaçamento 1,2;*
- O texto deve ser acompanhado de um título e o nome do autor.*

*Depois de escrito, você pode me mandar o arquivo de Word ou Pages (não PDF) até o dia 7 de janeiro de 2022 para o email danielmregis@gmail.com com o título: Seu nome - Projecto **O Elefante da Sala**.*

Para finalizar, a página continha uma série de respostas de dúvidas que os autores poderiam ter e uma breve mensagem de agradecimento:

FAQ

Já escrevi um texto sobre a pandemia antes, funciona, posso enviá-lo?

***Sim.** O projecto não necessita que todos os textos contidos nele sejam exclusivos, ou seja, caso você já tenha escrito um texto sobre a pandemia e acha que ele se encaixa no projecto, não é preciso escrever um novo, pode mandá-lo para mim que ele será avaliada como todos os outros.*

O texto passará por revisão e edição?

***Sim.** O projecto é também um trabalho colaborativo, então depois de receber seu texto eu irei lê-lo e, caso tenha necessidade, eu posso editá-lo e mandá-lo de volta para você ver as mudanças que eu sugerir e assim chegarmos num acordo para o texto final no livro.*

O texto pode ser escrito por mais de uma pessoa?

***Sim.** Certifique-se de incluir todos os autores envolvidos para garantir o crédito necessário.*

Meu nome estará no livro final?

Sim, caso assim o deseje. Todos os autores serão devidamente creditados a menos que seja solicitado a não divulgação do nome, substituindo assim por um pseudônimo.

Já terminei de escrever, posso enviar o texto antes do dia 7 de janeiro de 2022?

Sim! Pode enviar o quanto antes puder, a data de 7 de janeiro é a data final para o recebimento dos textos, não aceitando textos enviados depois desta data.

*Por que o livro tem esse nome **O Elefante na Sala**?*

“A expressão «o elefante na sala» refere-se a uma questão difícil que é perfeitamente óbvia, presente, inescapável, mas que um grupo de pessoas evita falar.” Essa questão pode ser vista como a pandemia que estamos vivendo hoje. Mas este título é provisório, servindo apenas para facilitar a nossa comunicação referente ao projecto.

Muito obrigado por sua colaboração, tenho certeza de que com seu texto o livro ficará mais rico e será um Projecto de Mestrado em Edição de Texto incrível graças a sua ajuda.

Desta forma, o autor tinha todas as suas dúvidas respondidas, bem como uma visão geral de como seria o resultado do projeto. Com tantos detalhes de como era para o texto ser enviado, desde qual fonte utilizar até em qual formato de arquivo enviar, o mestrando não achava que o não cumprimento destes requisitos era algo para se preocupar, mas, afinal, acabou por ser.

Era esperado que alguns dos textos enviados fossem curtos e menores de 2 páginas. A ideia de o requisito para o envio ser entre 2 e 15 páginas era para ter um mínimo de substância o texto, deixando com que o autor fosse livre para explorar os assuntos que quisessem, mas também não ultrapassar um limite e o livro parecer que tem um autor “principal” com muito mais páginas que os outros. Entretanto, muitos dos textos enviados eram de menos de 2 páginas, alguns nem 1 página inteira sequer eram. Então,

algo que, a primeiro momento, era uma chateação e inconveniência, se tornou algo interessante para o projecto.

Com textos mais curtos, abriu-se a possibilidade de ter mais de 1 texto do mesmo autor. Assim, alguns autores enviaram mais de um trabalho, sendo um mais melancólico e outro mais engraçado, ou um sendo um poema e outro sendo uma crônica. Isso engrandeceu o projecto, mostrando que, mesmo o mesmo autor pode ter e trazer diferentes realidades sobre a pandemia de COVID-19. Porém algo que era uma chateação e inconveniência e continuou até o fim foi o envio dos textos.

Dentre os 16 autores, vários acabaram enviando em diferentes fontes, tamanho e espaçamento das requisitadas. Tiverem aqueles também que não enviaram o texto em um arquivo de Word, mas sim em PDF, ou no corpo de texto de um email ou até numa mensagem de WhatsApp.

Então o primeiro trabalho foi organizar todos os textos, cada um em um documento de Word separado, mas com a mesma fonte e espaçamento, para ter uma ideia melhor da quantidade de textos e o total de páginas.

Para a organização foi escolhido padrões básicos, sendo a fonte Arial 12 com espaçamento 1,15, apenas para tornar tudo mais bem disposto, não sendo os estilos gráficos nem de tamanho na versão final e impressa do livro. Porém, mesmo tentando manter um padrão, nem todos os textos era possível isso. Alguns textos tinham uma estrutura no estilo de poema e não tinham parágrafos, por exemplo, enquanto outros eram escritos numa estrutura de conto. Isso acabou se mostrando um desafio maior no momento da diagramação do livro, onde falaremos mais à frente neste memorial.

Depois de meses desde a busca pelos autores, todos os textos foram entregues, totalizando 21 textos de 16 autores. Como era possível enviar mais de um texto para o projecto, 4 dos 16 autores enviaram 2 textos ao invés de apenas 1. Não foram aceitos mais de 2 textos por autores para não parecer que qualquer autor tinha algum tipo de benefício ou era mais importante que os demais. Cada texto foi tratado da mesma forma e com a devida importância.

Destes 21 textos, tem 4 poemas, 9 contos, 5 crônicas, 3 de não-ficção (1 reportagem e 2 contando suas experiências reais na pandemia). Isso dá algo entorno de 20.000 palavras, sem contar com os textos de apoio (introdução e agradecimentos).

Durante todo o processo de pedido e recebimento dos textos foram se passando semanas e até meses, então para tornar o trabalho o mais dinâmico possível, conforme os textos foram sendo enviados este estudante logo pegava-os para editá-los e revisá-los.

O processo, explicado anteriormente através da descrição da página no Notion, ficou da seguinte forma: o autor enviava o texto; o texto era editado e, caso houvesse necessidade, era enviado de volta para o autor para aprovação das mudanças assim como reescrita; o autor enviava o texto novamente, agora com as mudanças e/ou questionamentos relacionados à revisão; caso houvesse necessidade esse processo se repetia até chegar em um resultado final satisfatório para as duas partes; o texto recebia uma última revisão.

Desta forma, apesar de todo texto receber este processo de edição e revisão, surpreendentemente tiveram divergências de caminhos entre os diversos textos. Por exemplo: tiveram textos que logo as mudanças e correções feitas neles foram prontamente aceitas pelos autores; tiveram aqueles textos que os autores questionaram as mudanças e, depois de explicadas, aceitaram; tiveram textos que questionaram as mudanças e depois de várias edições e mudanças chegou-se em um produto final que satisfizesse as duas partes; e tiveram aqueles textos que estavam tão bem escritos que não precisaram de nenhuma mudança ou nenhuma mudança relevante.

Dentre os erros que foram concertados na edição e revisão do livro, o que mais se sobressaiu de forma geral nos textos como um todo foram questões de pontuação, ortografia e repetição de palavras. Os casos mais raros foram os que tiveram um trabalho mais pesado de edição, com o autor reescrevendo e até adicionando trechos novos, visto que o original estava faltando alguma parte essencial para a narrativa.

Apesar das dificuldades ao longo do caminho, o importante é que todos os textos foram editados para agradar tanto o autor quanto o editor do projecto.

Depois de todos os textos dos autores escritos, editados e revisados, chegou um momento tão importante quanto o da revisão: estruturar a ordem dos textos no livro.

Em primeiro momento, foi pensando em como os livros de antologias de contos/crônicas/poesias estruturavam os seus textos. Cada um que foi utilizado para a pesquisa não parecia ter um motivo claro da ordem. Não era em ordem alfabética de autor ou do título do texto. Não era em ordem alfabética reversa. Não parecia ser uma ordem aleatória, ao menos, não devia ser. Então, como não foi possível identificar que método era utilizado pelas outras antologias, foi decidido um método próprio para o projecto.

Para facilitar o processo e tornar mais dinâmico, foi criado no programa Figma alguns “post-its” digitais, para simular o trabalho físico de ir rearranjando manualmente papéis coloridos com o nome dos títulos dos textos. Isso fez com que o trabalho de

estruturar a ordem não fosse tão confuso e maçante, ajudando na organização mas sem sair do computador para ver cada texto.

Como já dito, o livro consistia em 21 textos, sendo estes 4 poemas, 9 contos, 5 crônicas e 3 de não-ficção. Além disso, os textos divergiam em relação aos seus tamanhos, alguns sendo bem curtos (menos de uma página) e alguns bem longos (com 5 páginas ou mais). Além do foco na pandemia, um dos diferenciais do projecto é o de diferentes formas de textos, então, para não tornar o livro maçante e repetitivo, a primeira decisão foi que não teriam os mesmos estilos literários em sequência. Ou seja, caso o primeiro texto fosse um conto, então o próximo tinha que ser uma crônica ou um poema, e o próximo um diferente, e assim por diante.

Como pode-se perceber, a quantidade de textos não é a mesma para cada estilo literário, sendo o estilo de “conto” como o de maior quantidade, com 9 textos. Então foi decidido um método quase matemático para a organização sequencial dos textos.

Os textos estilo “conto” foram considerados como os “pilares” da estrutura, e os outros estilos iriam ser colocados entre os que “sustentavam” a obra. Porém o número de contos para o número de textos restantes é de 9 para 12, então não era possível encaixar todos os outros textos entre os contos de forma exata para começar com um conto e terminar com um conto. Além de que sempre ser um texto e depois um conto poderia tornar o estilo maçante e cansativo para o leitor. Então foi decidido que após um conto se seguiria por um estilo diferente como uma crônica e depois seguiria outro estilo diferente, como um poema, e depois segue-se para outro conto.

Outra questão que foi considerada para a estrutura foi a pouca quantidade de textos de não-ficção. Sendo apenas 3, foi logo perceptível que colocá-los próximos uns dos outros ou em sequência quebraria o ritmo do livro, então, assim como o resto da estrutura, foi feita uma divisão matemática dos textos. Então um de não-ficção entraria como o quinto texto; o outro entraria como o décimo primeiro texto; e o último entraria como o décimo nono texto. Assim, se fôssemos dividir o livro em 3 partes, cada texto de não-ficção estaria em uma dessas partes.

Um outro aspecto muito importante para definir a ordem dos textos foram os seus tamanhos. Não seria bom para o livro ter vários textos curtos de uma página em sequência no início e depois ter vários textos longos de mais de 5 páginas no final. Deixaria o livro mal ritmado. Então foi decidido que textos longos deveriam estar em volta de textos médios e curtos, para dar um respiro para o leitor, não cansando sua leitura.

Por fim, a última questão a ser tratada para a estrutura foi não permitir textos de um mesmo autor em sequência um do outro. A ideia da estrutura sempre foi a de tornar o livro um ótimo ritmo, sem uma leitura cansativa e sem preferidos. Então foi natural separar os textos de um mesmo autor. A sequência final dos textos ficou desta forma:

- *Hora do almoço* de Ana Carolina Passos (crônica).
- *Desde que começamos a contar os mortos* de Kátia Borges (conto).
- *Olhares e sorrisos* de Geo Tavares (poema).
- *Trem para Nabura* de Flávia Farhat (conto).
- *Nunca mais* de Yamna Dahia (não-ficção).
- *Está esperando alguém?* de Américo Paim (conto).
- *Conselhos* de Christina Miranda (crônica).
- *Sobressaltados* de Dinah Oliveira (poema).
- *M* de Roberto M. Socorro (conto).
- *Ricochete* de Inês Francisco Jacob (crônica).
- *Invisível?* de Guilherme Zwetsch (não-ficção).
- *Presença* de Geo Tavares (crônica).
- *Vulneráveis* de Francisco Mouta Rúbio (conto).
- *Para quando a nova manhã?* de Olavo Rodrigues (poema).
- *Anos cinzentos* de Dinah Oliveira (crônica/conto).

- *Saia da beira* de Américo Paim (conto).

- *De volta à Fonte Nova* de João Pedro Santos (crônica).

- *Pacote* de Maria Alice Zocchio (conto).

- *Guerreira!* de André Uzêda (não-ficção).

- *Aves de rapina* de Flávia Farhat (conto).

- *A parede branca* de Inês Francisco Jacob (poema).

Esta ordem dos textos conseguiu balancear o livro, misturando os diferentes estilos literários da melhor maneira para tornar um bom ritmo sem ser cansativo ou engessado. Além disso, conseguiu tornar o livro como uma montanha-russa, com os altos e baixos dos textos longos e curtos, dando mais dinamismo para a obra como um todo.

Existiam diversas maneiras de estruturar este projecto, talvez maneiras melhores ou talvez piores, mas depois de muito ser refletido e colocar texto em um lugar e mudar, e mudar mais uma vez... foi definido uma estrutura satisfatória com consciência e visando sempre o melhor para o leitor.

A dificuldade e o trabalho para estruturar a ordem dos textos foi uma das várias surpresas ao longo do projecto. Com tantas etapas mais difíceis e que tomavam horas e horas de dedicação e foco, definir a ordem em que os textos seriam lidos acabou sendo uma tarefa mais deixada de lado, até porque parecia ser uma questão fácil e trivial, mas acabou tendo o seu próprio tipo de dificuldade.

Mesmo já com os textos estruturados e editados e a ideia do projeto gráfico na mente, ainda era palpável que estava faltando algo importante, ao menos para o editor deste livro. Algo que amarasse toda a concepção inicial do projecto, que desse o toque final e que mostrasse mais da intenção deste estudante de mestrado. Foi o momento então de deixar se ser só o editor e se juntar aos autores.

C. ESCRITA

Pode não parecer, mas é difícil ter uma ideia para escrever, principalmente se esta ideia deve surgir com o esforço e não com uma catarse criativa.

A ideia deste projecto foi, além de mostrar diversas visões sobre a pandemia, demonstrar as diversas atividades, matérias e habilidades que um estudante pode aprender no curso de Mestrado em Edição de Texto na FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Usar o livro como um meio de trabalhar diversas funções: edição, revisão, design gráfico, diagramação, entre outras. Porém a escrita, principalmente a escrita criativa em si, não era uma das matérias letivas do curso. Se fosse decidido que teria um texto escrito pelo editor do livro, então isso deveria vir das próprias habilidades e experiências do editor em questão. Então, para dar um toque a mais em todo o projecto, foi decidido a escrita de mais um texto, o vigésimo segundo, sendo este a cereja de um bolo literário.

Infelizmente a decisão de que se deve escrever um texto não vem automaticamente com uma ideia do que escrever. Era claro que ele deveria seguir todas as regras e normas do projecto, assim como os outros: ser um texto de ficção ou não ficção sobre uma pandemia. Mas isso ainda abria espaço para muitas ideias e explorações. Como nada surgia de imediato, foi preciso forçar um pouco mais a inspiração.

Foram feitas diversas pesquisas sobre a pandemia de modo geral e histórias que a envolveram. As dificuldades que as pessoas passaram, sejam elas mais gerais ou particulares. Fuçando e procurando histórias engraçadas e esdrúxulas ou mais profundas e comoventes. Durante essas pesquisas, uma das diversas ideias que surgiram foi como a uso de máscara poderia atrapalhar o dia a dia de alguns indivíduos, em específico as pessoas surdas.

Uma crônica de uma mulher surda que não conseguia ler os lábios das pessoas por conta das máscaras, e acabava em uma encrenca por causa disso, foi uma das ideias mais concretas a serem formadas. Porém isso acabou não avançando muito no papel. Dias e dias se passavam e a ideia não tomava forma, até que outra ideia, mais interessante e empolgante para o autor, surgiu em sua mente.

Diversas antologias de contos, crônicas, poemas e textos de modo geral tem o título derivado de um dos textos dentro da obra. Ou seja, em uma antologia de contos de fantasia escritos por diversos autores, o nome do livro vinha do título de um conto dentro da obra, dando maior destaque a esta obra em si, como se ela fosse a mais importante dentre todas.

Nunca foi o objetivo tirar o brilho dos outros textos, mas sim dar mais enfoque a toda ideia do elefante na sala e tornar o livro mais amarrado em si.

O nome do livro ser *O Elefante na Sala* era justamente para retratar o ditado popular, de a pandemia ser uma questão completamente óbvia e que precisa ser falada sobre. Então tornar este também o nome do conto pareceu certo, até quase natural. Só que mais ideias foram surgindo.

E se tivesse outro elefante na sala? Não outro conto ou livro. Existe a crença de que esculturas de elefantes devem estar viradas com a parte de trás para as portas das casas para trazer boa sorte, dinheiro e prosperidade. Assim, surgiu a ideia de brincar na história com esses dois conceitos envolvendo os elefantes, faltava agora todo o resto.

Em relação a estilo textual, foi decidido antes mesmo dos elefantes que seria um conto. Era a maneira mais interessante para o editor e autor de se contar uma história, seja ela qual fosse que ele quisesse. Assim, era preciso pensar na história. Refletindo sobre como a pandemia afetou as pessoas e sobre todas as mortes, um livro que surgiu em mente foi *Enterre seus Mortos* de Ana Paula Maia. Ela é uma autora brasileira e, em seu livro, conta a história de um homem cujo trabalho é tirar as carcaças de animais nas estradas, porém seu cotidiano começa a mudar quando surgem vários corpos de pessoas, que ele acaba tendo de cuidar também. O livro tem uma linguagem crua e visceral, sem usar meias palavras para descrever a morte. Essa foi a maior inspiração para o conto.

Outra inspiração foi o cenário rural brasileiro, com sua seca e cidades pequenas. Imaginar como uma pandemia como a de COVID-19, mas bem mais implacável e mortífera, seria desastrosa em um lugar como o sertão baiano foi outro gatilho para a escrita da história.

Com todas essas ideias juntas, era então preciso amarrar tudo e transformar numa narrativa curta, mas interessante e que conseguisse passar todos os questionamentos e ideias do autor. Entre diversas questões a serem retratadas, a principal delas era um questionamento: se o leitor realmente queria neste momento ler um livro sobre a pandemia. Levantar dúvidas e tornar a obra uma metalinguagem dela mesma, além de ser uma história interessante.

Desta forma, sendo o texto que tinha maior relação com o livro em si, foi mais que natural que ela acabasse sendo o último e que levasse o título do livro, como diversas antologias de textos acabam por fazer desta forma.

Escrever uma história não é fácil, ainda mais escrever com uma certa pressão de tempo e foco que o projecto demandava. Ao longo de diversos dias, escritas e reescritas,

a histórias de Januário e a cidade de Carcará do Sul foi surgindo. A ideia de ter uma “segunda parte” do conto onde a narrativa muda de terceira para primeira pessoa e mostra o “verdadeiro autor” do conto, surgiu ao longo da escrita. Não tinha nada disso planejado, tudo foi fluindo conforme o processo.

Em relação à escrita, terminar de escrever um texto nunca é o trabalho final. Deve ter reescritas e reescritas e passar pela mão de diferentes pessoas. E assim foi também com o conto. Por conta da falta de tempo, não foi possível passar pela mão de uma profissional da revisão, mas depois da leitura de diversos leitores beta, incluindo o professor e orientador Rui Zink, o texto foi se refinando, melhorando seu português e sua estrutura. Melhorando descrições e expressões. Até chegar no resultado final que o leitor encontra no livro:

O Elefante na Sala

Daniel Regis

Pior do que o fedor dos corpos era o calor. Januário já estava familiarizado com a morte, mas o Sol, esse deus capaz tanto de dar quanto tirar a vida, não tinha como se acostumar. Um calor escaldante e nem um copo d'água à vista para salvar um humilde trabalhador. Toda a água que tinha em seu cantil de couro já tinha sido bebida, e Januário sabia que, infelizmente, o álcool do seu cantil de metal nada fazia para matar de verdade a sede. Apesar de estar dentro da casa e a sombra abafar um pouco toda a quentura da região, ainda era um inferno na terra.

Ele saiu da sala e, quando foi para a cozinha, a primeira coisa que pensou foi que tinha algo estranho lá. As paredes verdes recém pintadas destoavam com a cesta de frutas podres e cheias de moscas. Era uma sensação de que algo novo e velho coexistiam naquele lugar, batalhando para ver quem vencida. Essa sensação não foi o suficiente para fazê-lo esquecer da sede e foi logo para a geladeira caindo aos pedaços, mas nada tinha de especial. Algumas comidas não apetitosas e algumas garrafas: uma com leite e uma vazia. Para somar a triste visão, o cheiro de coisa vencida e estragada estava tão forte que passou pelo seu cachecol, que usava como máscara para cobrir a face, e lhe deu um soco na fuça. Fechou a porta da geladeira e soltou seu característico suspiro de

decepção. Reparou então que o garrafão d'água, ao lado da porta dos fundos, estava vazio. A sorte é que não tinha ninguém na casa – quer dizer, ninguém vivo – para proibir ele pegar água do poço nos fundos e abafar o diabo em sua cabeça.

Januário passou pela porta dos fundos da casa antiga, mas renovada, deixando para trás os corpos do casal velho que viveu naquele fim de mundo pelos últimos 67 anos. Conhecia o casal Marquês tão bem quanto qualquer outra pessoa de Carcará do Sul. Talvez um pouco menos. As pessoas acham que quem vive em cidade do interior conhece todo mundo, todos os seus segredos e mentiras, mas isso não era o caso de Januário. Como coveiro, ele gostava de se manter distante do povo dessa terra onde nasceu, vive e provavelmente vai morrer. Nem faz bem ficar tão próximo das pessoas que, querendo ou não, você vai ter que enterrar. Tem uma força obscura e profunda neste ato, capaz de transcender toda sua família e até sua cidadezinha.

Ironicamente, Carcará do Sul ficava no norte do estado da Bahia, e acabou sendo chamada assim pois já existia a cidade de Carcará, um pouco mais ao norte, no estado do Piauí. Pelo estado como as coisas andavam, era melhor mudar o nome da cidade para Urubu do Sul, ou coisa parecida.

Em todos os seus 30 e tantos anos, sendo desses cerca de 18 como coveiro da cidade, Januário nunca vira tanta morte. Tiveram épocas em que pessoas morreram mais do que o “normal”, o que quer que isso queira dizer. Momentos como a grande onda de calor, ele se lembrava de quando pequeno, que passou pela cidade e matou tanto gente quanto bicho. Ou quando faltou tanto água quanto comida para a maioria da população naquela crise uns anos depois. Eram momentos absurdos e que Januário gostaria de nunca mais presenciar nada parecido. Ele gostava dos períodos de calma quando tanta pouca gente morria que ele tinha que se contentar em se livrar da carcaça dos animais, ou até precisar ir para alguma cidade próxima ver se alguém estava precisando retirar os seus mortos. Ele desejava sempre a paz, mas estava preparado para a guerra. Ou melhor, achava que estava, pois ele não esperava que a guerra fosse na verdade o apocalipse.

Abandonando a casa, Januário foi andando para o poço, tirou seu chapéu e abaixou sua máscara improvisada que usava para se proteger do que estivesse matando toda a gente. Ele não sabia se realmente adiantava como proteção ou não, mas, só de abafar o cheiro ruim e putrefato, já valia a pena. Chegou perto do poço e viu que, lá no fundo, o chão brilhava. Pelo menos alguma sorte nesse dia de merda.

Pegou o balde amarrado por uma corda, que estava jogado no chão do lado do poço, e o atirou lá dentro. Ouviu o barulho quando o balde acertou o fundo e, felizmente o barulho, assim como sua vista, comprovava que ainda tinha um pouco de água.

Puxando o balde de volta, percebeu não estar tão pesado quanto ele gostaria. Conseguiu puxar até o topo e, como imaginava, tinha menos da metade de água. Fez uma concha com as mãos sujas e quebradiças de anos de trabalho braçal, segurou o líquido da melhor maneira que conseguiu e bebeu de vez. Depois de uns bons goles, ele jogou um pouco no rosto e na cabeça. Ele não era velho, tinha lá seus 30 e tantos anos, mas a calvície já o acometera, assim como fizera com o seu pai e o pai de seu pai. Talvez venha de uma geração inteira de calvos, vai lá saber. Olhou com mais calma para o ambiente em que estava enquanto alguns pingos caíam de sua barba rala.

Pelo que se lembrava, ele nunca tinha entrado na casa do casal Marquês até aquele dia, mas sabia, pela sua memória de menino, que nos fundos tinha um poço. Antes da morte ser presença constante em sua vida, ele e os amigos, saíam pelos arredores da cidade para fazer coisa de menino. Ele lembrava do poço porque, numa tarde fazendo, bem, coisas de menino, a bola do Juninho – que Deus o tenha – caiu no poço e eles correram para tirar ela de lá o mais rápido possível antes de serem apanhados por seu Zé Marquês, pois ele já era um adulto e toda criança sabe: se um adulto apanha um menino fazendo qualquer coisa, a chinela iria cantar.

A parte de trás da casa ainda tinha a estrutura feita de pedras, como ele se lembrava, mas tinha também algumas roupas estiradas num varal, construído pelo próprio dono do lugar, uma árvore com uma sombra que quase sussurrava para um viajante se deitar sob; e um horizonte de um nada, como Januário já estava acostumado. A casa ficava afastada do “centro” da cidade de Carcará do Sul, se chamar um apanhado de casas, um mercadinho e um cemitério com uma igreja ao lado, de centro for certo. Muitas famílias que moravam longe do centro, talvez por não gostarem tanto assim das pessoas, talvez por apreciarem esse horizonte seco e de céu limpo ou outro motivo qualquer.

Depois de matar a sede, percebeu que na área, escondido entre algumas roupas no chão e um pouco de mato, estava um cachorro caramelo. Não se lembrava do cão dos Marquês, mas pelo estado dele parecia ter mais de 10 anos de idade. O cachorro parecia cansado e abatido. Como seus donos tinham morrido, talvez estivesse há dias sem comer. Aquela peste estava apanhando todos, direta ou indiretamente, humano ou animal, de alguma forma estava sofrendo pela morte invisível.

Januário chamou o cachorro com um assovio, e o bicho foi andando em sua direção, mas bem lentamente, não por estar com medo do humano – esses animais criados com todo o amor do mundo não crescem com sentimentos ruins ou questionadores – mas sim por estar faminto e com sede. Cansado de tanto esperar pelos donos. O homem colocou o balde com o resto da água ao lado do cão e foi de volta para a casa tentar encontrar alguma coisa para dar de comer para o bicho. Os Marquês não iam se importar mesmo.

Na cozinha ele sabia não ter nada que não estivesse estragado ou fedendo, então ele foi procurar algum armário pela casa, talvez o casal tivesse guardado em algum lugar um saco de ração. Ele não queria, mas tinha que passar pela sala onde eles estavam. “Você já está acostumado, qual o problema de ir lá?”, uma voz soou em sua cabeça. Torcendo para que fosse a voz da coragem e não da estupidez, ele passou pelo corredor e foi parar na sala.

Zé e Maria Marquês estavam deitados no sofá da sala, entrelaçados num abraço. Se não fossem pelos olhos arregalados de terror, poderiam achar que eles estivessem dormindo. Talvez um desavisado pudesse até crer que eles estivessem assistindo TV, se tivesse uma TV na sala. O cômodo tinha apenas o sofá velho, com buracos certamente feitos pelo cão, e uma mesa de estar com um pano bordado à mão e uma estátua de um elefante.

Januário encarou o casal velho e morto com o mínimo de emoção possível, mas não era o suficiente para não sentir nada. Seu coração subiu apenas uma batida mais rápido, mas a mudança era perceptível. A morte o fazia sofrer, quer ele gostasse disso ou não. Ainda mais essa morte. Não pelas pessoas em si, ele nunca foi muito próximo do casal, mas pelo modo como morreram, pelo motivo, pelo o que os tinha matado. Essa merda de vírus. Essa desgraça de vírus.

Ele nunca fora lá muito religioso, mas, se não tivesse escutado de um conhecido que tinha ouvido no rádio sobre esse tal vírus, ele certamente acharia que o apocalipse tinha chegado. Mas não, não era o fim dos tempos bíblicos, era muito pior. Era a realidade.

Foi há algumas semanas quando tudo começou. Januário estava no único bar da cidade, o ponto de encontro de todas as mágoas, quando seu amigo, Sandrinho, chegou fazendo o alvoroço de sempre, mas com um assunto novo na boca. Disse que um “bicho” estava matando as pessoas fora do Brasil. Como todo assunto sobre morte, Januário não quis prestar muita atenção, mas quando ele ouviu a palavra “vírus”, não conseguiu se

conter. Sandrinho continuou falando da sua ida a cidade ao lado, que obviamente era maior que Carcará do Sul, e escutou na rádio sobre um tal de vírus que estava matando muita gente e se espalhando rápido. Como todo anúncio de apocalipse, a notícia foi logo desacreditada pela maioria das pessoas do local.

Seu Mané, o dono do bar – que Deus o tenha –, resolveu mudar a estação de música do rádio para a de notícias e ver se era verdade aquela história, e descobriu que era. O sinal é muito ruim em Carcará do Sul, seja qual for, rádio, TV, internet... por isso a cidadezinha parece perdida no mapa e no tempo, longe de toda a evolução do mundo. Apesar da dificuldade, o rádio conseguiu captar um sinal o suficiente para aqueles bêbados escutarem “vírus... pandemia... máscaras... distanciamento social...” e outras tantas palavras técnicas, palavras estas desconhecidas. Como tudo o que não podiam resolver, todos deram de ombros e viraram mais um copo, menos Januário. Ele sabia o que aquelas palavras significavam.

Ele não era lá muito letrado, não teve uma educação melhor do que a média de Carcará do Sul, mas ele entendia de morte. Ele sabia como um vírus podia afetar as pessoas, como podia ser sorrateiro e chegar sem avisar. Muitas vezes a morte pode ser bem feia e assustadora, aquele tipo de morte que deforma tudo o que a pessoa era quando viva. Aquela morte ~~devastadora~~ que avisa sua chegada com uma mancha estranha no peito ou uma veia mais aparente, mas esse não era o tipo de morte que assustava Januário. Essa morte era visível, então podia ter conserto. Mas a morte invisível, sem anúncio, só aparece quando é tarde demais.

Ser coveiro foi algo que ele nasceu para ser. A família de seu pai fazia há quatro gerações, algo que não tinha como escapar. Então, quando tinha uns 7 anos, seu pai já começou a explicar tudo sobre o trabalho, incluindo nessas explicações a morte em si.

Mostrou diversos tipos de mortes, o quê e como matava. Até como identificar quem iria morrer logo mais. Seu pai o levou para ver alguns moradores mais antigos da cidade na época, com a desculpa de ser apenas para ele se conectar às raízes do lugar, mas Januário sabia que era para ele aprender a conseguir ver e cheirar a morte. Para o seu mal, ele conseguiu. Era uma sensação que não gostava de ter: uma comichão nas costas e nas mãos junto com uma dor atrás dos olhos. Um dom que mais parecia uma maldição. Às vezes até achava ser algo sobrenatural, passado por seu pai. Depois de ouvir aquela notícia no bar, ele sentiu mais uma vez a sensação, não sobre alguém em específico, mas sim sobre a cidade inteira.

Januário sentiu uma mosca passar pela sua cabeça, o que o fez acordar de suas lembranças e perceber onde estava, ainda na sala do casal Marquês, com seus cadáveres ali deitados. Aquela morte era uma morte sem aviso. Se eles sentiram algo não foi o bastante para saírem de casa e procurarem ajuda. Ou talvez tenham pensado que o melhor a fazer era ficar em casa e não passar aquilo para ninguém, e, se fosse essa a situação, era louvável. Quantos pessoas morreram por que não conseguiam aquietar a bunda em casa?

O coveiro continuou olhando para o casal morto, mas agora seu cérebro estava funcionando de forma técnica e lógica, pois precisava pensar no que fazer com os corpos. O cemitério já estava lotado. Ele não sabia se tinha sido uma boa ideia ter enterrado as primeiras vítimas de Carcará do Sul no pequeno cemitério, pois o lugar fica perto do centro de tudo e, quem sabe, isso ajudou a espalhar o diabo para o povo. Ele não podia pensar mais nisso, já estava feito, agora era pensar nos novos corpos que surgiam a cada dia. Não tinha mais covas no cemitério e ele sabia que o IML não ia aparecer naquele fim de mundo, então era pensar ou entulhar corpos. Largar os mortos em suas casas e transformar aquele lugar num mausoléu era sentimental demais e não resolvia o problema, pois qualquer pessoa, bastava passar por ali, corria o risco de se contaminar. Ele era um coveiro, então não tinha outro jeito: tinha de cavar.

Abriu uns dois armários da cozinha até achar a bendita ração do cachorro, pegou um pote, encheu até a boca e levou para fora. Deixou do lado da porta dos fundos e assoviou para o cão ver a comida. O animal correu o mais rápido que pôde para a vasilha velha enquanto Januário se voltava para a casa.

Ele passou pela sala e pelos mortos e saiu ~~da morada~~ pela entrada principal. Na frente da casa estava estacionada a sua moto 50cc, presente de sua avó – que Deus a tenha –, junto com sua mochila e sua companheira de trabalho, a velha pá de seu pai.

Pegou a ferramenta, foi em direção à casa, passou pela sala e pelos mortos, atravessou a cozinha e foi para os fundos junto ao poço. A partir do poço ele contou uns dez passos em direção ao horizonte seco e decidiu que ali era um ótimo lugar para se enterrar um cadáver. Então começou o trabalho.

Demorou. Demorou tanto tempo que o Sol foi se pondo e aquele inferno passou a não ser um problema tão grande assim. Passou mais tempo e o vento frio da noite começou a lhe afetar. Demorou, mas terminou. Uma coisa que aprendeu com seu pai é que esse trabalho tem que ser terminado, não importa quanto tempo leve. Mostramos respeito aos mortos através do trabalho. Dedicar o esforço às pessoas mesmo depois de

elas partirem. Terminou só quando a lua já estava lá no alto brilhando destemida, mas terminou de cavar. Agora faltava concluir o serviço.

Januário passou pelo cachorro e, antes de entrar de volta na casa, bateu as botas no chão e tentou se limpar daquela terra impregnada até nos ossos. Fez o melhor que conseguiu, deu de ombros e entrou na residência. Passou pela cozinha e, quando chegou na sala, já com a mente em foco para finalizar aquele maldito trabalho, seu olhar captou alguma coisa. Algo que, na primeira vez que o viu, não tinha dado importância. Olhou para a mesa de centro da sala e lá estava um elefante.

Era uma escultura de um pequeno elefante feita em madeira. Bom, pequeno para as grandes mãos de Januário, mas o objeto tinha, mais ou menos, o tamanho de um palmo do Seu Zé Marquês, talvez tivesse sido feito pelo próprio. O coveiro pegou o elefante e reparou em cada detalhe do animal. Cada corte, cor e rachadura. O elefante parecia sorrir, jogando sua tromba para cima com os seus ~~narizes~~ marfins. Encrustada em suas costas tinha um tapete todo ornamentado e as patas do animal estavam cheias de detalhes e rodeadas do que parecia ser pedras preciosas. Ele olhou com um esmero ~~enorme~~, como se sua vida dependesse de memorizar o máximo possível da escultura. Quando sua curiosidade foi satisfeita, ele colocou o objeto de volta na mesa da sala.

Januário estava se voltando para os mortos mas resolveu pegar o objeto novamente, não para inspecioná-lo, mas sim para colocá-lo de costas para a porta da frente. Ouviu falar disso, talvez de seu avô – que Deus o tenha –, talvez de outra pessoa, mas o certo era sempre deixar os elefantes com a bunda voltada para a porta da casa, pois isso trazia sorte. Que fazer isso servia para proteger a casa de energias negativas. Januário não levava a sério as crenças do povo, mas depois de tanta morte e tristeza, um pouco de sorte não fazia mal a ninguém.

Ele então se volt–

– Pedro!

Ele ent–

– Pedro!

E–

– Pedro!

...

– Pedro, não ouviu eu te chamar 3 vezes? Preciso de ajuda para limpar as compras!

Eu virei meu rosto para a porta aberta de meu quarto de onde tinha vindo aquele grito de minha mãe. Me voltei para o computador onde o Word estava aberto com Januário e seus mortos, inacabado. Soltei um suspiro e me levantei para sair do quarto.

Minha casa não é pequena, ela tem lá seus 3 quartos, banheiro, cozinha e sala de estar, mas eu não aguento mais ficar nela. Desde que essa pandemia começou minha mãe ficou paranoica e eu fui junto. Não saí mais de casa, somente para ir à farmácia e mercado e muito bem equipado: máscara, luvas e até um moletom com capuz. Mesmo nesse calor infernal dessa cidade eu não saía sem me esconder do vírus e das pessoas. Mas chega uma hora que não dá mais.

Depois de tanto tempo trancado, sem socializar direito, sem se exercitar direito, sem viver direito, você simplesmente cansa. Bom, eu cansei, e, pelo que converso com meus amigos, eles também. Já perdi a conta de quantas vezes eu quase peguei as chaves do carro de minha mãe de madrugada só para fugir, dar uma volta. Mas isso só ficou na vontade mesmo, nunca tive coragem de concretizar a ideia.

Uma coisa engraçada que aprendi com tudo isso é que tem várias maneiras de se exaurir. Você pode querer ver o mundo explodir só na base do seu ódio; ou simplesmente não ter energia para explodir nada; e até aceitar tudo como está. No meu caso, agora, estou uma mistura de ódio sem energia e aceitação. E com essa aceitação, relutantemente cheguei na cozinha para ajudar minha mãe a limpar as compras.

– Vamos, menino, pega o pano e o álcool e passa bem nas compras, viu? Cada cantinho é importante, não quero nada de fora entrando nessa casa.

Eu assenti silenciosamente. Não tinha o que falar, já tinha perdido aquela batalha. Diversas vezes tentei falar para minha mãe não ser necessário tanta meticulosidade, mas não funcionou. Mesmo depois de anos (foco no “S”) disso, ela continua. Só aceitei, como várias das outras coisas que ela manda. Como o mundo como está.

Limpo as compras no automático, só pensando na história, no que escrever em seguida. Não sei ao certo como continuar. Januário deve seguir para outra casa? Mas então ele deixa o cão ou o leva junto com ele? E se não for para uma outra casa, então uma outra cidade?

– Tá pensando na morte da bezerra, menino? Quero que faça o trabalho direito, e nada de pôr a mão no olho, hein? Só depois de terminar e lavar bem as mãos. E depois tome um banho!

Assenti e segui limpando e pensando. Era o que podia fazer.

Depois de fazer tudo o que minha mãe mandou, finalmente voltei para minha cadeira na frente do computador. Fiquei com as mãos no teclado e olhos vidrados na tela, mas nada saía. Não tinha ideia de como continuar a história. Decidi naquele momento que estava com um bloqueio criativo e não tinha o que fazer, era isso, adeus, acabou. Mas eu estava apenas me enganando. Não era bloqueio criativo, não de verdade.

Eu não tinha perdido minha criatividade. Nesses anos em casa o que eu mais fui foi ser criativo para conseguir fugir. Pensar em mil maneiras de escapar de casa e as histórias que aconteceriam comigo. Misturava realidade com ficção, imaginando um mundo dominado por zumbis. Não foi um pensamento legal, parando para refletir, mas o que mais eu podia pensar? Não aguentava mais ver a realidade.

Eu me levantei da cadeira e, quando ia para a cozinha beber água passei pelas minhas irmãs na sala, mexendo no celular. Alheias ao mundo. Acho que se ninguém tivesse avisado que tinha um vírus mortal por aí elas nem iam se dar conta. Apertei meus olhos com a mão.

Veja bem, eu amo minha família. Tenho minha mãe e minhas duas irmãs pequenas, mas simplesmente tem alguns momentos que só dava vontade de esganar elas. Acho que sentia isso até antes, mas essa pandemia só piorou tudo. Eu fiquei mais mal-humorado, rabugento, triste, apático... tudo de ruim que podia imaginar me descrevia. Eu só queria um pouco de paz e sorte. Um pouco de energias boas. Virei o rosto e encontrei o que procurava: a pequena estátua de um elefante com a bunda para a porta de casa. Exatamente igual ao que Januário encontrou na casa do casal Marquês. O que? Não achou criativo? Bem, escrevemos com base em nossas vivências e experiências, e sempre colocamos um pouco de nós nas páginas das histórias. Pelo menos é assim comigo. A escrita era uma espécie de terapia para mim. Eu estava sentindo tudo de ruim por conta dessa maldita pandemia e, o que eu fiz para conseguir amenizar minha situação? Eu escrevi.

Eu coloquei no papel, ou, melhor dizendo, na tela do computador, o que eu sentia através de histórias. Minha angústia e vontade de sair de casa se transformaram em personagens e narrativas. No primeiro momento não eram histórias que tinha conexão

direta com um vírus ou a pandemia, mas com o tempo foi só sobre isso que eu conseguia escrever. Afinal, era só isso que eu via.

O mundo lá fora estava, literalmente, em uma pandemia, então tudo bem só se ver isso, mas os jornais, TVs, internet, até o entretenimento só falava disso. Séries e filmes correram para colocar a pandemia como assunto nas suas histórias. O vírus saía da realidade e entrava de vez na ficção, e acho que isso me assustou mais do que se fosse o contrário. Ironicamente, ir parar na ficção só serviu para mostrar o quão real era tudo isso que eu estava vivendo.

Eu continuava escrevendo, sobre Januário e outras histórias relacionadas a vírus e pandemias. Zumbis, um vírus alienígena, uma pandemia de cegueira – desculpe Saramago – ... tudo que eu escrevia acabava tocando isso que eu estava vivendo, e comecei a me questionar: para quem eu estava escrevendo? Alguém iria querer ler essas histórias?

Eu escrevia, mas não sabia nem se eu queria ler uma história de uma pandemia vivendo numa pandemia de verdade. As pessoas sentiriam o mesmo que eu e não gostariam de ler essas histórias? As pessoas não queriam só ler/assistir/ouvir histórias não relacionadas a nada disso? As pessoas não queriam apenas esquecer um pouco tudo isso? Será?

Será que alguém iria querer ler um livro sobre a pandemia vivendo em uma de verdade? Bem, eu não sei. Nem sei se eu quero ler um livro assim agora. Só sei que preciso botar para fora tudo isso que sinto. Preciso falar sobre o elefante na sala. E acredito que outras pessoas também querem falar sobre esse bendito elefante. Quem sabe isso nos traga um pouco de paz.

Depois de todos os 22 textos terem sido escritos e revisados, era hora de começar uma das etapas mais difíceis, se não a mais: o trabalho gráfico.

D. PROJETO GRÁFICO

Depois de meses trabalhando em editar, revisar e escrever, ainda tinha um longo caminho pela frente. Além do texto em si, o outro aspecto mais importante de um livro é o seu projeto gráfico. É através da capa e lombada que os livros se destacam entre os

montes nas livrarias. É com um design impactante que um leitor decide uma edição de um livro ao invés de outra. É com um bonito trabalho gráfico que os livros deixam de ser somente histórias em páginas e passam a ser itens de decoração nas casas.

Por esses e outros motivos que esta etapa do projecto foi a mais desafiadora. O deadline cada vez mais próximo, o trabalho e retrabalho de diagramar tudo, a confecção da capa e as diversas impressões de páginas testes para checar se o tamanho de tudo estava bom. Porém, antes de todos esses desafios, existiu a ideia em si de como seria o livro, o que acabou sendo um tanto diferente do resultado final, mas um tanto igual também.

No início, quando o livro ainda estava na casa dos pensamentos, ele tinha um design simples e minimalista, com cada texto tendo o seu próprio capítulo e sessão. Pelo peso e importância do tema abordado, as cores que predominariam seriam o preto e branco, dando ao livro um tom mais cru e sério. Claro que na parte de dentro o texto seria preto em páginas brancas, porém tanto a capa quanto a quarta capa deveriam ser também em preto e branco. Isso daria um ar ao mesmo tempo simples e impactante.

Essas ideias da divisão de cada texto em seu próprio capítulo e de todo o livro ser em preto e branco se mantiveram por todo o processo até a versão final, porém alguns detalhes importantes foram surgindo.

Um deles foi a decisão de colocar páginas inteiramente pretas como “capas” para os textos, contendo o título e o nome do autor. Isso chamava mais o leitor e dava mais importância para cada texto da obra. Cada novo capítulo tinha um novo impacto.

Outra decisão que não estava nas ideias finais foi também uma das mais importantes e que deu todo um novo ar para o livro: as fotografias.

Enquanto era feito o processo de edição e revisão dos textos e o livro foi se tornando mais concreto na mente, foi perceptível que estava faltando alguma coisa. O livro era preto e branco, sem cores, e com uma sequência de diversos textos que, por mais que tivessem a página preta para dividi-los e dar-lhes mais independência entre si, tornava a obra um tanto vazia. Os textos tinham muito potencial, mas como livro em si estava faltando alguma coisa, algo que fosse mais apelativo para o leitor e que conseguisse se conectar de forma única com cada texto.

Surgiu a ideia de se criar várias ilustrações para serem postas ao longo da obra. As ilustrações estariam entre textos e entre capítulos, seriam um tanto subjetivas e não teriam um significado concreto. A ideia para elas trazerem muito mais um sentimento do que realmente algo mais objetivo da pandemia. Porém, neste e em tantos outros trabalhos, deve-se ser realista, e não teria tempo nem condição de chamar um ilustrador para criar

ao menos 22 desenhos únicos para o livro. Mesmo com essa ideia deixada de lado, o sentimento de que faltava algo para dar aquele toque final no livro ainda existia. Então se não era possível criar ilustrações do zero, e se fosse possível encontrar ilustrações que já tivesse sido feitas? Ou melhor, imagens, fotos, para tornar o livro ainda mais cru e visceral, combinando com toda a estética em preto e branco e minimalista do projeto gráfico.

Tudo nesta vida acaba sendo resolvido se você tem o contato das pessoas certas. Felizmente, alguém da família era esta pessoa certa. João Regis é um fotógrafo profissional, residente em Salvador, Brasil, e primo deste estudante. A pandemia o afetou tanto quanto todo o mundo, porém ele resolveu usá-la como seu objeto de estudo e trabalho. Em março de 2020 ele saiu pelas ruas da capital baiana para ver como era o seu movimento, quais novos personagens andavam por elas e como estava a vida lá fora. Este projeto se tornou uma série de fotos que foram compiladas e lançadas em um livro digital intitulado *Contenções*.

Depois de lhe explicar o projecto do *Elefante na Sala*, ele ficou completamente feliz e entusiasmado com a ideia, ainda mais com a possibilidade de participar. Como o *Contenções* continha muito mais fotos do que seria necessário ou até possível para caber no livro, foi então feito uma linha de corte editorial para melhor encaixar com o *Elefante*.

Este trabalho em projecto, por conta de seu pouco tempo de se conseguir produzir e encontrar os textos, sempre foi esperado que acabaria sendo um livro curto, com no máximo cerca de 200 páginas. Para tornar uma leitura mais agradável e mais espaço para os textos, logo no início foi pensado que o livro seria menor que uma folha A5, sendo assim mais vertical do que horizontal. Então, para as fotografias, foi pedido que elas fossem verticais, já que fotos mais horizontais não se encaixariam muito bem na proposta.

Além de ter apenas fotos verticais, foi também decidido que todas as fotos seriam em preto e branco, para seguir a linha já definida. Felizmente muitas das incríveis fotos já estavam em preto e branco, e algumas outras foram trabalhadas na pós-produção para torná-las sem cor.

O objetivo das fotos era dar mais vivacidade ao livro, porém elas não poderiam tirar o real foco, que eram os textos. Então foi decidido que cada texto teria uma foto para lhe representar, assim tendo apenas 22 fotos. Para ter um certo espaço de escolha, João Regis enviou cerca de 35 fotos verticais e em preto e branco para serem escolhidas para o livro. Assim, tão difícil quanto escolher a ordem dos textos foi definir qual foto se encaixava com qual texto. As imagens não podiam e nem conseguiriam ser representações

claras e óbvias de o que continha em cada texto. Tinham que representar o sentimento do texto, ou algum elemento particular, mas sem deixar muito claro e dar espaço para interpretações. Foi difícil, algumas fotos se encaixaram melhor com os textos do que outras, mas no final foram definidas. Como já se tinha a ideia de colocar uma página preta como quebra de cada texto, então foi mais que natural de criar uma página dupla onde na página par estaria a foto e na página ímpar estaria a página preta com o título e o nome do autor, dando muito mais enfoque para cada texto individualmente.

Todo o livro ganhou com este aspecto. Porém, depois das 22 fotos escolhidas, 2 eram tão lindas e impactante que simplesmente não foi possível deixá-las de fora do livro. Então, felizmente, foi possível encaixá-las como as fotos da Introdução e dos Agradecimentos do livro, amarrando todo o projeto gráfico e finalizando com o total de 24 fotografias em preto e branco e verticais.

Seguindo o projeto gráfico, depois de diversos testes de tamanho, espaçamento, tipo de fonte e alinhamento, com várias idas a uma gráfica para imprimir versões teste, foi definido as seguintes características gráficas: livro com dimensões de 110x180, fonte Right Grotesk (com peso Light e Medium) e Century Old Style (com peso Regular, Bold e Itálico), em diferentes tamanhos ao longo do livro.

A fonte Right Grotesk é sem serifa e serve para dar um impacto, mas continuar sendo minimalista, enquanto a fonte Century Old Style tem serifa e serve para dar uma ótima legibilidade dos textos e ser apreciável aos olhos.

O tamanho e espaçamento das fontes, tanto nos textos quanto em todos os outros aspectos textuais e gráficos do livro foram definidos em uma questão de tentativa e erro. Foram várias idas a uma gráfica para ver como seria a leitura e seus elementos em um livro impresso, chegando-se a um resultado satisfatório.

As dimensões do livro, como explicadas anteriormente neste mesmo capítulo, foram definidas antes mesmo de se ter qualquer texto. Por conta do tempo (ou a falta dele), sabia-se que não seria uma quantidade enorme de textos, e ainda mais muitos deles sendo curtos, o livro não seria longo. Para dar mais espaço e tornar o livro mais interessante, a ideia inicial, e que acabou se tornando concreta, foi de que o livro teria, mais ou menos, o tamanho de um livro de bolso. O livro sendo pequeno também serviu como um certo contraste com a importância e dimensão que o tema pedia, o que tornou tudo mais interessante. Diversos livros serviram de inspiração gráfica para este trabalho em projecto, mas principalmente os livros *paperback* em inglês da Penguin Company foram os mais inspiradores.

Agora já com a fonte, dimensão e espaçamento escolhidos e referências coletadas era hora de colocar a mão na massa e realmente diagramar. A questão é que é muito difícil fazer isso bem. O InDesign é uma ferramenta muito completa, mas também muito complicada. Existem muitos detalhes e pequenas mudanças podem acabar alterando todo o arquivo. Sem ajuda não seria possível terminar este livro, e felizmente, como dito anteriormente, tinha-se o contato da pessoa certa. Jade Rocha é uma designer com diversos livros, revistas e livretos em seu currículo. Sua experiência e habilidade, juntamente com horas de dedicação, foram o diferencial para o livro se tornar o que se tornou. Com certeza uma das etapas mais difíceis de todo o processo, mas que já era o esperado. Todo o processo deste projecto tiveram várias surpresas, mas a dificuldade de se diagramar o livro não foi uma delas.

Tirando dúvidas, ensinando e mostrando o que estava de errado. Esse foi o caminho longo da diagramação do livro. Muitas e muitas revisões. Várias decisões, das menores até as gigantescas, foram sendo tomadas em relação à diagramação, mas cada decisão com a sua importância. A sua mão foi de imprescindível importância para o livro ficar graficamente incrível como ficou.

Cada texto tinha sua particularidade. Os poemas não tinham “tab” no texto e eram divididos em estrofes, enquanto os contos e crônicas eram estruturados de forma mais básica e usual. Cada um teve de ser diagramado, revisado, ajustado, milímetro por milímetro. Uma tarefa demasiada cansativa. Porém, depois de finalizada, recompensadora.

Uma outra tarefa cansativa foi a criação da capa e quarta capa, porém desta vez foi criativamente cansativa também. Enquanto a diagramação era mais um trabalho braçal, elaborar uma bonita e chamativa capa requeria um olhar treinado e criativo, por isso a designer Jade Rocha colocou sua mão no projecto mais uma vez.

Por conta da poderosa fonte escolhida para o livro, foi decidido que seria uma capa em estilo tipográfico, sem fotos ou grandes ilustrações. Apenas com o título, subtítulo, chamada do editor e nome do editor, a capa utiliza de um estilo minimalista, e os espaços brancos remetem a um vazio da pandemia e uma força ao mesmo tempo. O uso dos círculos, tanto o central na capa quanto os da quarta capa, funcionam de forma semiótica remetendo à COVID-19, como pontos de vírus, infectados, pessoas e afins.

A capa utiliza apenas a cor preta, branca e cinza, com o foco sendo a tipografia e o círculo central, que também remete à ideia do elefante, onde existe uma questão presente ridiculamente óbvia, tão óbvia quanto um ponto preto numa folha branca. Essa

imagem do círculo preto foi tão poderosa que também foi utilizada como falsa folha de rosto.

Para a quarta capa, a grande inspiração foi a matéria de jornal do New York Times quando se chegou a quase 100 mil mortos nos Estados Unidos. Simplesmente a primeira página do jornal era apenas um gigante bloco de texto preto com nomes de vítimas de COVID-19. Uma imagem impactante que tentou ser reproduzida com os nomes dos autores em ordem alfabética. Não ficou tão marcante quando o NYT, mas a mensagem ainda se manteve.

Depois de todo o trabalho gráfico finalizado, o livro ficou com um total de 216 páginas e cerca de 25 mil palavras. Foi um longo trabalho de semanas e meses mexendo em cada detalhe, fazendo e refazendo as coisas, com surpresas e desafios. Um livro feito de suor e lágrimas de muita gente, mas que no fim se tornou concreto. Uma ideia que se tornou um livro em si. Então chegou a hora de ver o resultado de todo este trabalho.

3. RESULTADO

As imagens a seguir são reproduções em *mockups* de como o livro *O Elefante na Sala* ficará quando impresso, focando em sua capa. A ideia é que seja um livro com capa mole e sem orelhas, no estilo dos livros da Penguin Classics, parecidos com livros de bolso.





4. CONCLUSÃO

Ao todo foram cerca de 9 meses desta jornada neste Trabalho em Projecto. Uma jornada que em muitos momentos se pareceu longa e em outros curtíssima. Foram diversos dias, semanas e meses de trabalho duro, organização, correria, expectativa, cansaço e dedicação. Foram muitos os sentimentos ao longo de todo este período. E muitas surpresas e desafios.

Ao longo desses meses tiveram diversos momentos em que surgiram pedras no caminho. Coisas que dificultaram este trabalho em projecto, tanto questão externas quanto internas. Um trabalho pautado por falta de tempo e crises criativas, mas também de uma correria e momentos de catarse literária. Este livro me fez sofrer, correr, suar, chorar, sorrir e tantos outros sentimentos que não consigo descrever. Fez tudo isso tanto em seu trabalho quanto em seu conteúdo.

O objetivo principal do livro era o de responder à questão: quão iguais ou diferentes são as realidades formadas pela pandemia de COVID-19? E o livro consegue isso. Os diversos textos mostram que diversos aspectos provenientes da pandemia (medo, insegurança, distanciamento, aprisionamento etc.) foram sim sentidos por todos, porém de modos diferentes. Alguns sofreram e viveram na pele questões mundiais enquanto outros passaram por tudo com “ferimentos leves”. Além disso, o modo como os autores escrevem mostra a sua visão de toda a situação. Tem autor que escreve de forma mais leve e divertida, não ligando tanto assim para a pandemia; já tem outro que escreve e trata de assuntos de forma mais melancólica e negativa, mostrando que sente demais com tudo; tem também os que escrevem de forma raivosa, demonstrando a injúria por essa situação; outros já eram mais esperançosos, dando um toque mais positivo à sua escrita.

São várias realidades mostradas, cada uma com sua particularidade. A questão é que todos vivenciaram os diversos efeitos da pandemia, mas o que torna as suas realidades únicas é a forma com que eles foram expostos e encararam.

Essa reposta proporcionada pelo livro não foi uma grande surpresa, porém todo o processo deste trabalho em projecto foi sim rodeado de surpresas, tanto positivas quanto negativas.

Encaro este projeto como a vida em si: cheios de altos e baixos. Foi um trabalho que tomou muito de mim e um pouco mais, mas que no final valeu totalmente a pena. Todos os obstáculos e desafios valeram a pena. No fim, o sentimento que fica é o de dever cumprido. Para com o mestrado e para mim mesmo.

Esta Memória do Trabalho em Projecto do livro *O Elefante na Sala* serve muito mais do que apenas um relato dos acontecimentos em ordem cronológica. É um fluxo de pensamento, de sentimento e de ação. Serve para elucidar como foi todo o processo, mas mostrar também ao mais pessoal também. Assim como o livro serve para falar do elefante, esta memória é o meu próprio elefante.

O livro é muito mais do que seu objeto, é também uma experimentação, um esboço do futuro como editor e escritor que este estudante almeja ser. Todo este projecto serviu como uma forma de melhorar as tantas qualidades e habilidades que quero ter, manter e criar em relação à literatura.

A edição de texto é um trabalho muitas vezes não reconhecido. É aquele tipo de trabalho por trás da cena, ajudando os escritores a brilharem. É muito difícil, mas deve ser apreciado. Como diria o autor Stephen King: *escrever é humano, editar é divino*. E não almejo menos do que as estrelas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, E. (2008). *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. São Paulo, Brasil: Editora Unesp.

Brasil, L. A. de A. (2019). *Escrever ficção: Um manual de criação literária*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Butcher, J., Drake, C. & Leach, M. (2009). *Butcher's Copy-editing: The Cambridge handbook for editors, copy-editors and proofreaders*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.

Diversos autores (2021). *2020, O Ano Que Não Começou*. São Paulo, Brasil. Editora Reformatário.

Diversos autores (2020). *Bode Inspiratório/Escape Goat*. Lisboa, Portugal: Relógio D'água Editores.

Diversos autores (2020). *The Decameron Project: 29 New Stories from the Pandemic*. Nova York, Estados Unidos. Scribner.

Filho, P. M. (2016). *Manual de Editoração e Estilo*. Campinas, Brasil: Editora da Unicamp.

Furtado, J. A. (2009). *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*. Lisboa, Portugal: Booktailors.

Garfield, S. (2012). *Esse é o meu tipo: Um livro sobre fontes*. São Paulo, Brasil: Editora Zahar.

Gross, G. (1994). *Editors on Editing: What Writers Need to Know About What Editors Do*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Grove Press.

Harrison, H. *Make Room! Make Room!* Londres, Inglaterra: Penguin Random House.

King, S. (2015). *Sobre a escrita*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Koch, S. (2008). Oficina de escritores: Um manual para arte e ficção. São Paulo, Brasil: WMF Martins Fontes.

Lupton, E. (2018). Pensar com tipos. São Paulo, Brasil: Editora Gustavo Gili.

Maia, A. P. (2018). Enterre seus mortos. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Munari, B. (2008). Design as Art. Londres, Inglaterra: Penguin Random House.

Neto, A. C. (2008). Além da revisão: Critérios para a revisão textual. São Paulo, Brasil: Senac.

Regis, J. (2020). Contenções. Salvador, Brasil: Publicado de forma independente.

Tschichold, J. (2007). A Forma do Livro: Ensaios sobre Tipografia e Estética do Livro. Cotia, Brasil: Ateliê Editorial.

Vogler, C. (2015). A Jornada do Escritor: Estrutura mítica para escritores. São Paulo, Brasil: Editora Aleph.